Dia 3 — São Potino, Santa Blandina e os outros quarenta e seis Mártires de Lião

Tendo conseguido o imperador Marco Aurélio uma assinalada vitória contra os bárbaros no ano 174, pela oração dos soldados cristãos que serviam na legião Fulminante, como o reconheciam e publicavam os próprios gentios, mitigou-se um tanto a perseguição excitada e continuada por muitos anos contra a Igreja; mas durou pouco esta calma. Renovou-se logo com maior furor que antes em muitas cidades e províncias; em cujo borrascoso tempo os fiéis da cidade de Lião assinalaram particularmente sua fé, derramando o sangue por Jesus Cristo e sendo os primeiros mártires das Gálias. A história que vamos referir foi tirada da mesma carta que os fiéis das igrejas de Lião e de Viena, testemunhas dos combates e das vitórias destes santos mártires, escreveram às igrejas da Ásia e da Frígia.

Crescendo cada dia na cidade de Lião o número dos cristãos, determinaram os gentios acabar com todos eles. Chegou a tanto seu furor que não podiam deixar-se ver com segurança nem nos banhos, nem nos mercados, nem nas praças públicas. Todos geralmente estavam irritados contra eles. Magistrados, oficiais, cidadãos, artífices, soldados e até as próprias mulheres em toda parte os insultavam e em toda parte os carregavam de injúrias e de imprecações. Fazia-se pública ostentação, e alegava-se por mérito o ter maltratado um cristão. Subiu a tal ponto a insolência e o furor que, amotinada a plebe, acometeu em tumulto as casas dos fiéis, apedrejou-as, saqueou-as, e os cristãos que estavam dentro delas padeceram todos os ultrajes e todas as violências de que é capaz uma plebe descomposta, infatuada e enfurecida. O comandante das tropas quis sossegar o tumulto e, com este fim, mandou prender os que o povo tinha encerrados dentro de suas casas, entregando-os aos magistrados; perguntaram-lhes estes por sua religião na presença de toda a multidão, e, respondendo todos intrepidamente que eram cristãos, enviaram-nos ao cárcere até que voltasse o governador, que então se achava ausente da cidade; e, logo que a ela regressou, apresentaram-nos para que lhes fizesse a causa. Era o governador um homem brutal e bárbaro, e não se podem imaginar as crueldades que executou com os santos mártires, querendo por este meio congraçar-se com o povo. Não pôde sofrer a indignidade com que eram tratados aqueles ilustres confessores um cavaleiro jovem, chamado Vétio Epágato, moço de notória e celebrada bondade, e em alta voz pediu que lhe permitissem falar em sua defesa. Como era tão conhecido, mal abriu a boca todo o povo se desencadeou contra ele. A resposta que lhe deu o governador foi

perguntar-lhe se era cristão; e, respondendo animosamente que sim, logo lhe lançaram mão e o agregaram aos demais que estavam destinados ao martírio, chamando-o por escárnio daí em diante advogado dos cristãos.

Mas, como se haviam apanhado sem distinção todos os que encontraram nas casas forçadas pela plebe, o rigor que se praticava com eles deu logo a conhecer os constantes e os fracos. De quase cinquenta que foram presos, dez perderam o ânimo e renunciaram à fé, com muita aflição de todos os fiéis, chegando também a esfriar-se o zelo dos cristãos que seguiam os confessores para assisti-los. Mas cada dia eram presos outros de novo, que enchiam dignamente o lugar dos que haviam fraquejado; assim foram presos todos os que eram reconhecidos por sobressalentes em sabedoria e em virtude, tanto na igreja de Lião como na de Viena. Quando se forçaram as casas dos cristãos, prendeu-se indistintamente todos os que se encontraram nelas e, juntamente com os amos, foram presos muitos escravos. Temerosos estes de que lhes fizessem padecer os mesmos tormentos que àqueles, pareceu-lhes que o melhor meio para livrar-se era acusá-los de todos os delitos que lhes imputavam os gentios; e assim os acusaram de que comiam carne humana e de que em suas reuniões cometiam as maiores infâmias e mais sujas obscenidades. Nasciam estas acusações em parte de malícia e em parte de ignorância; porque, ouvindo falar a seus amos do sacramento da Eucaristia, figurava-se-lhes que comiam carne humana quando recebiam na comunhão o corpo de Cristo; e, observando que todos os cristãos, homens e mulheres, se tratavam reciprocamente de irmãos e irmãs, maliciavam que tudo era para encobrir suas torpezas.

Espalhadas estas calúnias entre o povo, não é fácil dizer quanto irritaram os ânimos contra os santos. Mas o furor se declarou particularmente contra Sanço, diácono, que era natural de Viena; contra Mauro, que acabava de receber o batismo; contra Átalo, que havia nascido em Pérgamo, na Ásia, e era respeitado como uma das colunas da igreja de Lião; contra uma tenra donzela chamada Blandina, cuja constância deu testemunho de que a graça não depende de idade, de sexo nem de condição. Era escrava e de tão delicada compleição que os demais cristãos, e até sua própria ama, agregada também ao número dos mártires, temiam muito que não tivesse ânimo para confessar que era cristã; mas ninguém confessou a Cristo com mais valor nem com maior magnanimidade no meio dos mais cruéis tormentos. Sua constância chegou a cansar a barbaridade dos verdugos. Depois de a terem despedaçado, abrasado e atormentado desumanamente por todo um dia, confessaram que alguma força superior e divina devia sustentar aquela donzela; pois, não sendo assim, o menor tormento dos que lhe haviam feito padecer bastaria para tirar-lhe a vida. Com efeito, deslocaram-lhe todos os ossos; encheram todo o seu corpo de sulcos com unhas de ferro; descobriram-na até as entranhas com ramais acerados; e, no meio de tão longa como horrível carnificina, não se lhe ouviam outras palavras que estas: «Sou cristã, e entre os cristãos ignora-se até o nome do delito.» Os verdugos, cansados e rendidos, desesperaram de poder tirar-lhe a vida; pelo que o tirano mandou que a voltassem à prisão.

Não triunfou menos no diácono Sanço a fé de Jesus Cristo no meio dos tormentos. Como era estrangeiro, perguntaram-lhe seu nome, sua pátria, sua condição e seu ministério; mas a todas as perguntas respondeu com duas só palavras: «Sou cristão.» Por mais que lhe despedaçaram as carnes até os ossos; por mais que se valeram do ferro, do fogo e dos mais cruéis suplícios para arrancar-lhe um leve sinal de impaciência, conservou-se inalterável, sem ouvir-se-lhe outra coisa senão dizer continuamente: «Pela graça de Deus sou cristão.» Atormentaram-no tão horrivelmente

que todo o seu corpo era uma só chaga; todo inchado, todo encurvado e todo encolhido, mal tinha figura de homem. O grande desejo que tinham de vencer ao menos a paciência de algum dos mártires com a violência dos tormentos fez crer aos verdugos, alguns dias depois, que, se atormentassem de novo o santo diácono sobre as primeiras chagas, não poderia resistir à violência da dor; mas sucedeu o contrário, com grande confusão dos gentios. Longe de render-se o corpo do glorioso mártir com o novo suplício, cobrou novas forças com ele e, voltando à sua primeira forma, restituiu-se também a seu antigo vigor.

Enchiam de confusão os gentios as vitórias dos cristãos, e desejavam ao menos arrancar alguma nova calúnia da boca dos próprios cristãos. Com este intento, resolveram aplicar a tortura a uma mulher chamada Biblis, que, por ter renunciado à fé, atemorizada dos tormentos, criam que, para livrar-se da tortura, levantaria aos cristãos os delitos mais atrozes. Mas nunca triunfou com maior esplendor a fé e a graça de Jesus Cristo. Despertou Biblis, por assim dizer, de um profundo sono em virtude daquele tormento. As dores passageiras que a atormentavam trouxeram-lhe à memória as penas eternas que a estavam aguardando se não se arrependesse a tempo de sua covarde apostasia e, em vez de declarar algo contra os cristãos, tomou a seu cargo defendê-los com esta generosa resposta: «Como é possível que comam carne de crianças aqueles a quem está proibido comer o sangue dos animais? Como é possível que cometam incestos os que olham com horror até a menor impureza? De resto, não penseis haver triunfado já de minha fraqueza e de minha covardia, porque vos declaro que sou cristã»; e por meio desta generosa confissão voltou a entrar na companhia dos mártires.

Envergonhados os pagãos de ver confundido seu furor pela constância dos fiéis, tomaram a resolução de fazê-los perecer de fome e de miséria nas prisões. Meteram-nos todos em diferentes calabouços subterrâneos, escuros, fedorentos, cheios de bichos e de insetos, e que mais pareciam sentinas que calabouços. Encaixaram-nos pelos pés em uns cepos, dispostos com tanta violência que muitos expiraram naquele cruel tormento; outros pela corrupção do ar, e alguns de pura miséria. Entre estes foi São Potino, bispo de Lião e cabeça daquela generosa tropa, que contava então noventa anos. Sabiam os gentios que era a cabeça e como o pai dos cristãos; e, havendo-se apoderado dele sem ter respeito a sua venerável ancianidade nem a sua debilidade extrema, moeram-no a golpes e, arrastando-o pelas ruas até a praça, apresentaram-no ao governador, que logo lhe perguntou: «Quem era o Deus dos cristãos?» «Conhecê-lo-ás, respondeu o santo, se tiveres verdadeiro desejo de conhecê-lo.» Enfadado o governador com esta resposta, voltou-lhe as costas com desprezo. Lançou-se sobre ele depois a plebe e, a pontapés e pedradas, deixou-o meio morto, e em consequência expirou dois dias depois na prisão. Vê-se ainda hoje, numa gruta das antiguidades de Lião, um buraco muito estreito aberto na própria rocha, onde se diz que encaixaram a golpes o santo bispo, comprimindo-o com uma cunha, em cujo gênero de suplício entregou seu espírito ao Criador.

Tendo chegado o dia assinalado pelo governador para dar aos gentios o espetáculo das feras, expondo a elas os santos mártires, foram tirados da prisão Mauro, Sanço, Blandina e Átalo. Passaram como em espetáculo diante de todo o povo, e nesta função iam os verdugos espancando os dois primeiros. Mal entraram no circo, soltaram as feras e, lançando-se a eles, arrastaram-nos e despedaçaram-nos horrivelmente. Vendo que ainda não haviam expirado, encarniçado o povo pediu que os fizessem sofrer novos tormentos, e especialmente clamou pelo da jaula de ferro

gradeada e acesa. Deu-lhe esse gosto o governador; e, metidos nela os santos mártires, embora a fedorenta fumaça da carne tostada ofendesse igualmente o nariz e os olhos, não se deu por satisfeito o furor da multidão. Tampouco foram bastantes para desalentar o valor daqueles heróis cristãos tantos e tão espantosos tormentos; antes se lhes ouvia gritar: «Servos somos de Jesus Cristo, e temo-nos por felizes em derramar até a última gota de nosso sangue para glória de seu santíssimo nome.» Irritado desta constância, um dos verdugos passou-lhes a espada pelo corpo e, tirando-lhes a vida, abriu-lhes o caminho para a coroa do martírio a que aspiravam.

Haviam atado Santa Blandina a um madeiro com os braços estendidos em forma de cruz; e, aproximando-se dela as feras, mostraram respeitá-la; pelo que mandou o governador que a voltassem ao cárcere, especialmente por haver observado que aquela maravilha fazia no povo alguma impressão. Depois pediram Átalo com o maior empenho, por ser tão conhecido de todos, fazendo-o igualmente respeitável seu nascimento e sua virtude. Deu uma volta ao redor do anfiteatro com um cartaz no peito em que se liam estas palavras: «Este é Átalo, o cristão.» A gritaria, a burla, a chacota e as injúrias que o povo descarregava sobre ele aumentavam visivelmente a alegria que se deixava ver em seu semblante. Ia já entrar no circo quando teve notícia o governador de que era cidadão romano, pelo que mandou que o voltassem ao cárcere com os demais cristãos até ter resposta do imperador, a quem havia consultado o que devia fazer com ele e com os demais.

Era espetáculo de ternura e de admiração ver nas prisões aquela tropa de gloriosos confessores de Cristo, em cujas feridas se liam os mais encarecidos elogios de sua fé. Uns meio tostados, outros deslocados todos os seus ossos, outros despedaçadas suas carnes, e todos cobertos de chagas, triunfando de alegria por haverem sido dignos de derramar o sangue, sofrer injúrias e tormentos pelo nome de Jesus Cristo. Sobretudo era admirável sua humildade; pois, no meio de haverem sido lançados às feras, de haverem padecido tão cruéis suplícios, de haverem passado por todos os tormentos que soube inventar a crueldade e de haverem padecido tantas vezes o martírio, ainda assim não podiam sofrer que lhes dessem o nome de mártires, e se encomendavam sem cessar às orações dos fiéis.

Necessariamente haviam de ter muito fruto aqueles grandes exemplos. Os que haviam traído a fé com indigna covardia, movidos de um vivo arrependimento, resolveram reparar o escândalo por meio de uma generosa confissão da fé que haviam abraçado. Efetivamente, tendo chegado a resposta do imperador com ordem de que se tirasse a vida a todos os que persistissem em confessar a Jesus Cristo e se desse liberdade aos que houvessem renunciado ao cristianismo, ficou surpreendido o governador quando viu que estes mesmos pediam ser outra vez examinados acerca de sua religião. O público arrependimento que mostraram de sua primeira fraqueza, a generosa confissão que fizeram da fé que professavam e o ardente desejo que mostraram de derramar todo o seu sangue em sua defesa mereceram-lhes a graça e a ventura de ser agregados aos demais santos mártires e de entrar em parte em sua coroa.

Achava-se em Lião um cristão, por nome Alexandre, médico de profissão, muito celebrado por sua singular perícia na faculdade, mas muito mais pelo zelo da fé de Jesus Cristo, que pregava em todas as ocasiões com resolução e com valor, aproveitando a oportunidade de visitar seus enfermos para persuadi-los a que se fizessem cristãos. Estando junto ao tribunal do juiz enquanto

este fazia o interrogatório e tomava a declaração dos que antes haviam apostatado, fazia-lhes sinais com a cabeça e com os olhos, exortando-os a confessar o nome de Jesus Cristo, e falava-lhes com os gestos. Notou-o o povo; e, como estava tão indignado contra os que se haviam arrependido de sua apostasia, começou a gritar acusando o médico Alexandre de ter a culpa daquela mudança. Voltou-se o governador para ele e perguntou-lhe quem era. «Sou cristão», respondeu intrepidamente Alexandre; e, sem passar mais adiante, o juiz, irritado com esta resposta, condenou-o a ser despedaçado pelas feras, mandando que fosse levado ao cárcere com os demais mártires que já estavam sentenciados à morte. Dilatou-se a execução até o dia seguinte, por celebrar-se nele uma festa gentílica. Os primeiros que expuseram às feras foram Átalo e Alexandre, que, havendo sido arrastados por elas largo tempo, sacudidos e despedaçados, os deixaram estendidos na arena meio mortos. Quis o povo divertir-se com o cruel espetáculo de vê-los assar-se na caixa ou na jaula de ferro ardendo. Alexandre mostrou-se nela perpetuamente unido com Deus, sem dizer palavra; mas Átalo, vendo que o povo tapava o nariz por não poder tolerar a fumaça e o mau cheiro da carne queimada, exclamou dizendo: «De vós, idólatras, sei que se pode dizer que vos alimentais de carne humana, pois a assais para que ao menos vos entre o mau cheiro pelo nariz. Os que servimos a Jesus Cristo não sabemos que coisa é alimentar-nos de homens, nem cometer nenhum dos delitos que nos imputais.» Perguntou-lhe um como se chamava seu Deus, e respondeu-lhe: «Os nomes inventaram-se para distinguir a multidão, e o que é por essência único não necessita de nome.» Pouco tempo depois acabou gloriosamente sua carreira.

Mortos já quase todos os santos mártires, saiu ao anfiteatro Blandina, acompanhada de um menino cristão chamado Pôntico, de idade de somente quinze anos, que se crê ter sido irmão da santa donzela. De propósito reservaram estes dois para os últimos, parecendo-lhes que o frágil sexo de uma e a tenra idade do outro, com o terror que lhes causariam os tormentos que haviam visto padecer os demais, com cujo fim todos os dias os levavam ao anfiteatro, os teriam atemorizados e perderiam o ânimo. Mas sua inalterável constância na religião cristã irritou de tal maneira o povo contra eles que fez que fossem atormentados com toda sorte de crueldade e de barbárie. Executaram neles todos quantos suplícios puderam imaginar para obrigá-los a jurar pelos deuses imortais; mas tudo foi inutilmente. Animado Pôntico com as exortações de sua santa irmã, manteve-se invencível e expirou nos tormentos, fazendo glória de ser cristão.

A última daquela ditosa tropa que conseguiu a coroa do martírio foi Santa Blandina, tendo sido a primeira que se apresentou no combate. Não cabia em si de gozo, vendo-se tão próxima do fim de sua carreira. Depois de ter sido açoitada com varas, de tê-la de novo despedaçado as feras, de tê-la voltado a encerrar na jaula acesa, dizendo sempre «sou cristã», meteram-na numa espécie de rede e expuseram-na a um bravo e furioso touro, que, havendo-lhe dado terríveis golpes, a lançou várias vezes ao ar com os chifres; e, mostrando-se insensível a este tormento, ocupada toda a sua alma em Deus, foi enfim degolada com os demais. Assim triunfou a fé de Jesus Cristo na vitoriosa constância destes 48 mártires, que desde então se fizeram muito célebres em toda a santa Igreja.

Os que morreram no cárcere foram os santos Potino, bispo de Lião, Arescio, Cornélio, Zósimo, Tito, Zórico, Júlio, Apolônio, Germiniano, e as santas Júlia, Emília, Jâmnica, Pompeia, Ausônia, Alomnia, Justa, Trófima e Antônia.

Os que acabaram degolados foram os santos Epágato, Zacarias, Macário, Alcibíades, Silvio, Primo, Úlvio, Vital, Comino, Outubro, Filumino, Gérmino, e as santas Júlia, Albina, Grata, Rogácia, Emília, Postumiana, Pompeia, Ródana, Biblis, Quarra, Materna e Elba.

Os expostos às feras foram os santos Sanço, Mauro, Átalo, Alexandre, Pôntico e Santa Blandina, cuja veneração em toda a Igreja foi tão grande desde logo que muitas igrejas consagradas a todos os 48 mártires só tinham o nome de Santa Blandina; e a de Viena ainda hoje chama ao dia dos mártires de Lião a festa de Santa Blandina e de seus companheiros, nomeando somente a santa na oração do ofício.

Não se deu por satisfeito o furor dos gentios com a morte dos santos mártires, e ensanguentou-se também contra suas sagradas cinzas, que lançaram no Ródano depois de haver queimado seus corpos. Mas Deus as conservou, juntando-as milagrosamente; e no sítio em que se acharam edificou-se uma igreja em honra dos mesmos mártires, cujas cinzas se colocaram debaixo do altar-mor; e, porque se crê que este milagre sucedeu no dia 2 de junho, desde então se chamou este dia a festa dos milagres.

Porque os mártires de Lião se chamam também os mártires de Ainay, que é um sítio da mesma cidade onde se juntam os dois rios, o Ródano e o Saône, pensam muitos que aquele foi o lugar de seu martírio; o certo é que naquele lugar estava o altar de Augusto, onde se faziam os sacrifícios, em cujas festas lhes tiraram a vida. Outros, com maior probabilidade, são de parecer que nossos santos mártires morreram no anfiteatro, cujas ruínas se registram ainda hoje na montanha que chamam de Fourvière, onde se veem as grutas subterrâneas que serviam de calabouços, se não eram as cavernas ou as jaulas onde se tinham encerradas as feras. O terem sido queimados os corpos diante do altar de Augusto pôde dar ocasião a que se chamassem os mártires de Ainay.

Martirológio Romano

Em Arezzo, na Toscana, os santos mártires Pergentino e Laurentino, irmãos, os quais, sendo ainda jovens, depois de haverem padecido cruéis suplícios e obrado grandes milagres durante a perseguição de Décio, dirigida pelo presidente Tibúrcio, foram vítimas da espada.

Em Constantinopla, os santos mártires Luciliano e os quatro jovens Cláudio, Hipácio, Paulo e Dionísio, com os quais Luciliano, tornado cristão de sacerdote dos ídolos que era, foi lançado depois de vários tormentos num forno aceso; mas, apagadas as chamas pela chuva, saíram todos sem lesão alguma. Por último consumaram o martírio por mandado do presidente Silvano, aquele numa cruz e os jovens a cutiladas.

No mesmo lugar, Santa Paula, virgem e mártir, que, apanhada recolhendo o sangue dos ditos mártires, foi açoitada e lançada ao fogo, e por fim decapitada no mesmo sítio onde fora crucificado Luciliano.

Em Córdoba, na Espanha, São Isaac, monge, passado a fio de espada pela fé de Jesus Cristo.

Em Cartago, São Cecílio, presbítero, que ganhou para Jesus Cristo São Cipriano.

Na diocese de Orleans, São Lifardo, presbítero e confessor.

Em Lucca, na Toscana, São Davino, confessor.

Em Paris, Santa Clotilde, rainha, por quem seu esposo Clóvis se fez cristão.

Em Anagni, Santa Oliva, virgem.

No Languedoc, Santo Hilário de Carcassonne, venerado como bispo.

Em Clermont, São Genés, bispo.

Em Pontoise, a venerável Hildeburga, viúva, cujo corpo está em São Martinho.

No mesmo dia, Santa Perseverança, mártir.

Numa ilha do rio Sangário, na Ásia Menor, Santo Atanásio, o Taumaturgo.

Em Sanforas, na Mingrélia, o falecimento de São Farnácio, confessor.

Na Irlanda, São Coengindo, abade de Glendalough.

Missa (oração)

A missa é do comum de muitos mártires, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui gloriosos martyres fortes in sua confessione cognovimus, pios apud te in nostra intercessione sentiamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que experimentemos benignos intercessores junto de vós, em nossas necessidades, os que celebramos constantes na confissão de vosso santo nome. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 11 da que escreveu São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 11,33-39

> **Latim:** 33 qui per fidem vicerunt regna, operati sunt justitiam, adepti sunt repromissiones, obturaverunt ora leonum, 34 extinxerunt impetum ignis, effugerunt aciem gladii, convaluerunt de infirmitate, fortes facti sunt in bello, castra verterunt exterorum : 35 acceperunt mulieres de resurrectione mortuos suos : alii autem distenti sunt non suscipientes redemptionem ut meliorem invenirent resurrectionem. 36 Alii vero ludibria, et verbera experti, insuper et vincula, et carceres : 37 lapidati sunt, secti sunt, tentati sunt, in occisione gladii mortui sunt, circuierunt in melotis, in pellibus caprinis, egentes, angustiati, afflicti : 38 quibus dignus non erat mundus : in solitudinibus errantes, in montibus, in speluncis, et in cavernis terræ. 39 Et hi omnes testimonio fidei probati, non acceperunt repromissionem,

Português: 33 que pela fé conquistarão reinos, obrarão accções de justiça, alcançarão as promessas, tapárão as bocas dos leões, 34 suspendêrão a violencia do fogo, evitárão o fio da espada, convalescerão de enfermidades, forão fortes na guerra, pozerão em fugida exercitos estrangeiros: 35 as mulheres recobrrão os seus filhos mortos por meio da resurreição: e huns forão estirados, não querendo resgatar a sua vida, por alcançarem melhor resurreição. 36 Outros porém sofrerão ludibrios, e açoutes, e além d'isto cadeias, e prisões: 37 elles forão apedrejados, forão serrados pelo meio, forão tentados, forão mortos ao fio da espada, elles andárão vagabundos, cobertos de pelles d'ovelhas, de pelles de cabras, necessitados, angustiados, afflictos: 38 huns homens de que o mundo não era digno: errantes nos desertos, nos montes, e escondendo-se nas covas, e nas cavernas da terra. 39 E todos estes provados pelo testemunho da fé, ainda com tudo não receberão a recompensa prometida,

Nota

«O intento do Apóstolo, assim nesta epístola como na que escreveu aos Gálatas e aos Romanos, é mostrar que a verdadeira justiça não provém da lei, mas de Jesus Cristo, que no-la comunica pela fé e por seu divino Espírito. Isto o demonstra na epístola aos Romanos pela lei moral e pelas obras; na epístola aos Coríntios pelas cerimônias legais; e nesta pelos sacrifícios.»

Reflexões

Per fidem vicerunt regna: pela fé venceram os santos os reinos, e por ela fizeram obras de justiça. Não é de admirar que os santos obrassem tantas maravilhas por meio da fé; porque, na verdade, que não poderá com a fé um homem santo? O assombro é que não sejamos nós santos,

professando a mesma fé e a mesma doutrina; antes que sejamos tão covardes quando se oferece a ocasião. «Tudo posso (dizia o apóstolo São Paulo) naquele Senhor que me conforta» (Fl 4). Uma fé viva é todo-poderosa; obriga, por assim dizer, o Senhor a fazer milagres. Quanto mais débil é o sujeito, mais se ostenta seu poder. A uma viva fé e a uma perfeita confiança nada sabe negar o Senhor; mas é preciso que esta fé seja pura, que seja humilde, que seja animada com as obras, que seja verdadeira fé. Com esta fé fecharam os santos a boca aos leões, apagaram a atividade do fogo, embotaram os fios da espada, saíram com mais vigor da própria enfermidade, fizeram-se valorosos na guerra, derrotaram exércitos de inimigos estranhos; quer dizer, não só domaram suas paixões, não só riram dos suplícios, mas zombaram de todo o inferno junto. «A vitória que vence o mundo, diz o evangelista São João (1Jo 4), é nossa fé.» Mas será a fé dos cristãos destes tempos? Será a nossa? Quem a despojou de sua força e virtude? Quem debilitou sua constância e seu valor? Poderemos dizer que nossa fé nos faz vitoriosos do mundo, quando somos sempre vis escravos de suas máximas e de suas leis; quando somos vítimas dos respeitos humanos; quando estamos tão servilmente sujeitos a suas modas e a seus caprichos? Mal se reconhece outro dono; ao menos ele é o mais imperioso, o mais duro, o mais fero, o mais tirano, o mais absoluto, e com tudo nenhum outro é melhor servido. E nós somos os que nos prezamos de ter a mesma fé que os santos! E será possível que queiramos persuadi-lo! Consultemos nossos costumes, consultemos nossas obras. Fantasma de fé! E queira Deus que não seja também fantasma de religião: uma nos lábios e nenhuma no peito. Será muita nossa religião quando a fé está morta, ou ao menos moribunda? E qual será nossa sorte na vida? Oh, que nos converteremos à hora da morte; então se aviva a fé, não há dúvida; mas é preciso que ressuscite. E não será de temer que nossa fé naquela hora seja como a dos demônios, que creem e tremem? Bastante desgraçados são aqueles cuja fé não produz outro efeito que o do medo e do temor.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

Mateus 11,25-30

> **Latim:** [25] In illo tempore respondens Jesus dixit : Confiteor tibi, Pater, Domine cæli et terræ, quia abscondisti hæc a sapientibus, et prudentibus, et revelasti ea parvulis. [26] Ita Pater : quoniam sic fuit placitum ante te. [27] Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Et nemo novit Filium, nisi Pater : neque Patrem quis novit, nisi Filius, et cui voluerit Filius revelare. [28] Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos. [29] Tollite jugum meum super vos, et discite a me, quia mitis sum, et humilis corde : et invenietis requiem animabus vestris. [30] Jugum enim meum suave est, et onus meum leve.

Português: [25] Naquelle tempo respondendo Jesus, disse: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do ceo e da terra, porque escondeste estas cousas aos sabios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. [26] Assim he, Pai: porque assim foi do teu agrado. [27] Todas as cousas me forão entregues por meu Pai. E ninguem conhece o Filho senão o Pai: nem alguem conhece o Pai senão o Filho, e a quem o Filho o quizer revelar. [28] Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei. [29] Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas. [30] Porque o meu jugo he suave, e o meu peso leve.

Meditação

O jugo do Senhor é suave, e sua carga leve

Primeiro ponto

Considera que nesta vida não há consolo puro senão no serviço de Deus; todo o mais é tumulto, aturdimento, confusão e amargura. Todas as alegrias mundanas têm sua origem em alguma paixão; e, nascendo de tão envenenada fonte, não podem deixar de acompanhá-las a turbação, o temor, os dissabores, o fastio e a mudança. Todas são superficiais; rara flor nasce neste vale de lágrimas que não seja artificial; ri-se algo, mas chora-se muito mais; as cruzes invisíveis e os pesares interiores são a renda mais ativa e mais segura dos felizes do século.

Na verdade, nem o amo a quem se serve, nem as leis que prescreve impõem jugo mais suave nem carga mais leve. Não há coisa mais dura que a escravidão em que se vive no mundo; como reinam nele todas as paixões, obedece-se-lhe como escravos, e ele manda como tirano. A emulação rói a alma, a ambição é seu tormento, contam-se tantos inimigos como concorrentes e tantos invejosos como testemunhas. Houve jamais no mundo amizade pura e sincera? O interesse é aquela grande e única mola que põe em movimento toda a máquina; o amor-próprio, o primeiro móvel que a agita; infere daqui se poderá haver tranquilidade e sossego no coração de um homem do mundo, enquanto a paz inalterável e a alegria pura são a herança das almas justas.

Da paz da consciência nasce a do coração; esta é sua mãe, não tem outra. É verdade, não o nego, que há cruzes no caminho da virtude; mas o fruto que produzem é de uma requintada doçura. Carrega o Senhor seus servos com algum peso; mas tal que sem trabalho o pode levar uma criança. Tem suas leis nossa religião; mas somente se fazem duras aos que não as observam; poucos dos que exatamente as guardam deixam de experimentar sua doçura; tanto que algumas vezes chegam a temer que diminua o mérito de sua observância o gosto e o deleite que ocasiona.

Nesta matéria, quem deve ser mais acreditado que os santos, cuja experiência os havia feito mestres, e em sua virtude afiançaram o mais seguro testemunho de sua veracidade? Um Santo Efrém, um São Francisco Xavier, uma Santa Teresa, uma Santa Maria Madalena de Pazzi queixam-se amorosamente ao Senhor dos excessivos consolos que inundavam suas ditosas almas. Quando

se queixaram do mesmo os mundanos, esses declarados servos, esses miseráveis do mundo? E depois disto há, Senhor, tão poucos homens que vos sirvam!

Segundo ponto

Considera que não só segundo a fé, mas também segundo a razão natural, o jugo do Senhor deve ser suave e sua carga muito leve. Todas as suas leis tendem diretamente a estancar o manancial de nossos desgostos; todo o Evangelho é um admirável segredo para adoçar os trabalhos e aliviar as cruzes desta vida. Não há homem mais feliz que o que vive sem paixões. Somente os verdadeiros servos de Deus, somente os santos gozam deste privilégio: quando não tenham de todo extintas suas paixões, têm-nas tão domadas que nem fazem ruído nem quase os molestam, porque não estão em termos de poder amotinar-se.

Que maior gosto, que maior consolo que cumprir cada um com sua obrigação! O testemunho da boa consciência, diz o Sábio, é uma contínua festa. Onde há maior gozo que não fazer coisa de que se tenha depois que arrepender-se? Porque, falando com rigor, não são os bens exteriores os que nos fazem felizes; os cuidados e os dissabores trepam até o trono. É preciso que o ânimo esteja tranquilo e o coração contente para gozar de uma verdadeira felicidade; daqui nasce que não há que buscá-la pura e verdadeira no mundo; reserva-se toda para as almas fiéis; só podem desfrutá-la os bons. Eles sós têm paz dentro e fora de si mesmos, enquanto os pecadores vivem inquietos e morrem desesperados.

A tranquilidade da consciência é o fruto ordinário da virtude; o que mais se dá a Deus, esse é o que mais a goza; ao que mais se retrai do Senhor, menos se lhe comunica. «Senhor (dizia Santo Agostinho), quando não estou cheio de vós, não posso suportar-me a mim mesmo, e não posso achar contentamento senão quando me dou a vós inteiramente.» Desgraça é que não possamos formar uma ideia cabal e clara daquela secreta doçura com que Deus suaviza seu jugo; daqueles ditosos momentos em que se faz sentir às almas santas; daquela dulcíssima esperança com que antecipadamente lhes dá a gostar alguns lampejos da glória; daqueles raios de luz com que descobre a seus olhos toda a vaidade do mundo; daquelas suavíssimas lágrimas que algumas vezes derramam aos pés do crucifixo, nas quais encontram um gosto, uma satisfação mais delicada e mais requintada que todas as diversões do mundo.

Os homens carnais não compreendem estas espirituais delícias. «Dai-me, Senhor (exclamava o mesmo Santo Agostinho), dai-me um coração penetrado, abrasado de vosso divino amor, e compreenderá facilmente este mistério.» Parece-nos incompreensível porque nos falta este amor.

Fazei, Senhor, que eu goste a suavidade de vosso jugo, outorgando-me a graça de levá-lo com alegria, guardando vossa lei com fidelidade e exatidão. Sim, meu Deus, amar-vos-ei eu com generosidade e sem reserva, e então experimentarei que coisa tão doce é amar-vos.

Jaculatórias

> *Tu, Domine, suavis et mitis, et multæ misericordiæ omnibus invocantibus te.* Sl 85.

Sim, Senhor, sois Deus manso, sois Deus suave, sois Deus cheio de misericórdia para todos aqueles que confiadamente vos invocam.

> *Quam bonus, et suavis est, Domine, spiritus tuus in omnibus!* Sb 12.

Oh Senhor, que doce, que bom, que suave é vosso divino espírito em todas as coisas!

Propósitos

1. A um enfermo toda comida amarga, e a um convalescente parece enorme o peso mais leve. Desenganemo-nos: não está a amargura no jugo do Senhor; tudo consiste na destemperança de nosso paladar, no mau humor que dele se apoderou. É artigo de fé que a lei de Deus é doce e fáceis seus mandamentos. Queres fazer a prova? Pois guarda-os com fidelidade. Tudo se pode com o auxílio da divina graça. Começa desde hoje a dar o mais exato cumprimento a todas as tuas obrigações: oração, devoções, emprego, obrigações particulares do estado e gerais de cristão, atenções e deveres que pede a caridade e a boa educação; cumpre tudo com cuidado e tudo por um fim, por um motivo santo de religião; cumpre toda justiça, e não passará o dia sem que experimentes aquela doçura que Jesus Cristo nos promete. Não se te pedem coisas extraordinárias; faze somente as mais comuns, mas por motivo um pouco cristão: não se te pedem mais que os deveres ordinários de teu estado; mas não omitas algum, se queres que todos se te façam fáceis e gostosos; não temas a opressão, porque só é efeito da pouca exatidão. Em ponto de devoção todo o trabalho e toda a dificuldade é para os tíbios e para os indevotos; estes são os que a desacreditam.

2. Impõe-te uma lei de falar sempre com grande estima da virtude; jamais a tomes na boca senão para louvá-la; mas sobretudo guarda-te muito de exagerar nunca as imaginárias dificuldades que se encontram em seu exercício. Nada a desacredita tanto, nenhuma coisa a agrava mais que as injustas queixas e os injuriosos suspiros dos cristãos tíbios e frouxos, achacosos e enfermos, na maior parte. Semelhantes aos tímidos exploradores da terra de promissão, os matagais e as sarças se lhes representam exércitos armados; e as árvores carregadas de frutas, monstros que devoram os homens. Tudo o que é pintar difícil a virtude é pura imaginação; tudo o que se exagera de sua aspereza e de sua carga é mera calúnia que atemoriza e acovarda. Se nunca gostaste a doçura de seus frutos, é porque nunca os colheste, ou sempre os colheste verdes e fora de sazão. Nunca digas, pois, que custa muito o ser santo, que para subir ao céu é necessário trepar, que os mandamentos da lei de Deus são dificultosos, etc. Todas essas proposições só servem para turbar e intimidar o homem carnal, que não compreende os maravilhosos segredos da vida espiritual, nem a força, virtude e poder da divina graça. Se tu não sabes a doçura dessa vida, se não

entendes a facilidade que acompanha a observância da lei de Deus, reconhece que é por tua indisposição e por tua culpa; e, não dando ouvidos mais que a tua fé e a teu coração, fala da virtude como falam os que gostaram os frutos desta terra de promissão. Dize que é uma região onde reina eterna calma; que nela sempre se descobre o céu sereno; que é uma terra por onde corre um rio de leite e mel; cujos habitantes gozam de uma alegria pura, de uma paz inalterável, e somente os estrangeiros não entendem sua linguagem. Seus termos parecem ásperos, mas é muito doce seu significado. Está, enfim, bem persuadido e inteiramente convencido desta verdade, que é de fé e, por conseguinte, inalterável: *O jugo do Senhor é suave e sua carga leve.*

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:53 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:53 by Admin